

AÇÃO DIRETA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Diretor: **Sônia Oiticica**

Diretor Fundador: **José Oiticica**

Administrador: **Manuel Peres**

Redação: **Av. Treze de Maio, 23—9.º andar—sala 922**

ANO 11 N.º 119

Rio de Janeiro, julho de 1957

PREÇO: Cr\$ 2.00

Registro SI/P-214 de 8-3-1946

Uma página de Saudade

Por MANUEL PEREZ

Oiticica morreu, fechou os olhos para o mundo na madrugada de 30 de junho, deixando nos corações dos que tiveram a ventura de conhecê-lo na sua carinhosa intimidade, um sentimento de dor e de saudade. Fazer uma biografia do fiel, do querido e inesquecível companheiro é tarefa difícil, tal a grandiosidade e o humanismo da sua obra de idealista, sempre em luta titânica pela conquista de um mundo melhor. Conheci o grande amigo e companheiro lá pelo ano de 1917, quando a organização operária do Brasil, orientada pelos anarquistas, formava um dos núcleos mais potentes do mundo, e na primeira fila dos militantes, numa campanha intensa de orientação e propaganda, estava sempre o infatigável José Oiticica.

Recordo que quando Rui Barbosa pronunciou, no Teatro Lírico, a sua conferência de propaganda eleitoral para a presidência da República, na qual apresentou o famoso tipo do "Jeca Tatú" prometendo pequenas vantagens ao proletariado, entre elas um descanso de 8 dias para a mulher antes do parto. Oiticica escreveu magnífico artigo que causou emoção em todos os setores políticos e sociais, pois demonstrava de forma eloquente, que o famoso tribuna baiano desconhecia, em absoluto, a vida trágica dos trabalhadores e a verdadeira solução para os seus graves problemas.

Em 1919 nos separamos, pois eu marche para a Europa, regressando em 1941, dois dias após a minha chegada fui ver o grande e querido amigo no seu modesto escritório da Rua Buenos Aires, 147-A. Depois do abraço fraternal ele inquiriu notícias sobre a situação da Europa em plena guerra, e quiz saber também da minha situação econômica, dos meus projetos para o futuro, e com sua incomparável dedicação tomou a seu cargo a educação de minhas filhas Carmem e Terezinha, primeiro pagando, ele mesmo, um curso particular para ambas, depois orientando-as com seus conhecimentos para o ingresso no Pedro II, o que ele mesmo conseguiu.

Em 1942, iniciava-se a obra de reorganização e propaganda, e, por iniciativa de Oiticica, foi feita uma subscrição entre os companheiros do Brasil para auxiliar os exilados espanhóis (que conseguiram escapar à fúria franquista) a publicar no México o tradicional órgão anarquista "Tierra y Libertad", e a tenacidade do Oiticica deu frutos magníficos, pois em menos de dois meses foram enviados mais de Cr\$ 25.000,00.

Veio depois a luta para a publicação de "Ação Direta" na qual ele pôs o melhor do seu entusiasmo, sem poupar esforços nem sacrifícios, tanto no terreno moral como no econômico, recordo, que quando alguns queriam que o nome do jornal fosse "Ação Libertária" ou "Luta Libertária" afirmando que os anarquistas eram libertários, e essa palavra seria melhor recebida pela opinião pública ele protestou com energia, clamando: "Eu não aceito esse critério, o jornal deve ter o mesmo nome que teve anteriormente, "Ação Direta" com o seguinte subtítulo Jornal Anarquista, que como afirmou um grande pensador — Anarquico é o "pensamento" e para a "Anarquia" marcha a "história", e se homens como Reclus, Pietro Gori, Sebastião Faure, e outros, não vacilavam em dizer publicamente que eram anarquistas, nós devemos ter valor para enfrentar o meio ambiente e dizer em voz alta "Somos Anarquistas"...

O seu ponto de vista foi aceito por todos, em março de 1946, o sonho querido de Oiticica era uma realidade, pois "Ação Direta" reiniciava a sua publicação como órgão anarquista do Brasil.

Quantos sacrifícios fez Oiticica para que "Ação Direta" não deixasse de existir. A princípio contribuía com Cr\$ 500,00 mensais, depois aumentou para Cr\$ 1.000,00 e no primeiro semestre de 1957, em momentos críticos para o jornal, por duas vezes ele pagou do seu bolso particular o "deficit" existente, que punha em perigo a sua publicação.

UM GRANDE CORAÇÃO—Para os companheiros, Oiticica foi sempre, mais que um amigo, um verdadeiro irmão, o que tinha e o que valia era de todos e para todos, e qualquer apelo à solidariedade, do Brasil ou do exterior, contava sempre com a sua imediata colaboração.

Com seus alunos era de uma dedicação extrema, mais de uma vez tenho escutado de alguns jovens alunos e alunas, ao falar do jornal e do bom Oiticica, estas palavras, pronunciadas sempre com respeito e admiração: — Ele foi meu professor.

Um dia, quando ainda estava na Rua Buenos Aires e fui visitá-lo pela manhã, justamente à hora em que devia seguir para o Pedro II, vi sobre a sua mesa dois pacotes de livros, ao perguntar-lhe para que eram, respondeu com a sua simplicidade habitual: "São métodos de Análise Gramatical que levo para distribuir gratuitamente entre alunos pobres que não podem adquiri-los, pois tu sabes que o Estado dificilmente dá escolas aos que carecem de meios (para frequentar cursos particulares) e muito menos facilitará livros a esses mesmos alunos".

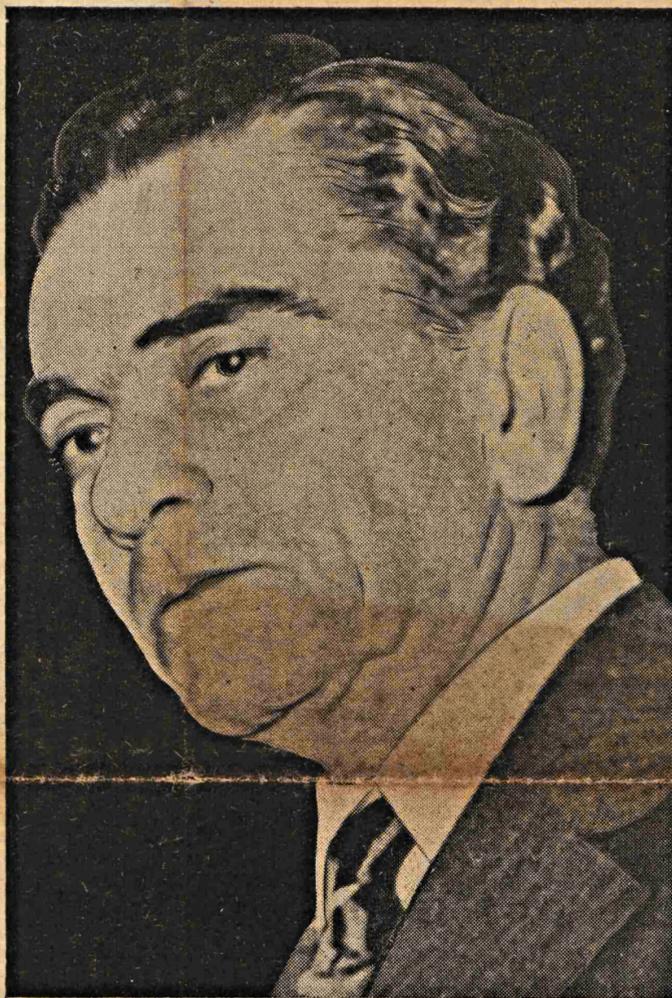
Ultimamente, até à véspera da sua morte, na Av. Amte. Barroso, ele dava aulas gratuitas a jovens lamentando-se mais de uma vez por ser pequena a frequência, pois seu desejo era ver a sala completamente lotada.

ELE NÃO ERROU. — Um poeta vaidoso, que até agora nada fez de útil em benefício da humanidade que sofre, procurando apenas elogios e a conquista de títulos acadêmicos, irritado com a crítica nobre e leal que Oiticica fez da sua obra literária, teve um gesto desleal, impróprio de um homem de cultura e de caráter ao combater a vida de idealismo e as doutrinas do nosso companheiro justamente quando ele não existia e não podia acudir a arena para responder-lhe. Afirmou este poeta que Oiticica foi sempre um errado, que as suas doutrinas eram uma verdadeira utopia. Alguém também disse a beira do túmulo, o mesmo que o poeta escreveu, indo mais longe ao declarar, que ele, naquele momento perdoava os seus erros.

A ambos eu afirmo que Oiticica não estava errado, pelo contrário, viveu e sofreu lutando sempre, sem medir sacrifícios para combater os erros de uma sociedade cruel e egoísta, que vive para o mal, semeando por todo o mundo com as suas injustiças, a dor, a morte e a desesperação. Contra esta sociedade ele lutou até a morte, deixando-lhe como herança a sua obra prima no terreno social "A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos" na qual o grande mestre da gramática e grande lutador pela conquista de um mundo mais justo e mais humano demonstra que o Anarquismo, que muitos consideram como uma utopia, será em dias não muito distantes, uma feliz e risonha realidade.

Modelo de pai e de companheiro, formou com carinho a alma dos seus filhos, com amor sem igual, fazendo de cada um deles um verdadeiro artista, certo como estava de que eles seriam os continuadores da sua obra de bondade.

Oiticica morreu!... E a melhor homenagem que podemos prestar-lhe é lutar como ele lutou sempre



ÊLE SE FOI!

Foi-se-nos o mestre. Foi-se-nos o que animava, alentava e despertava a harmonia em todos nós, o companheiro José Oiticica.

Foi um dos apóstolos da Anarquia. Batalhador infatigável, que em contínuo combate pela justiça e pela verdade, enfrentando castigos e ultrajes, converteu sua vida num sulco lavrado de onde nasce e fertiliza o futuro.

Sua obra é luminosa e extensa orientada em dois sentidos: a parte social e a parte cultural. Exatamente o de que mais se necessita neste trágico, doloroso século XX: a defesa dos direitos humanos vilipendiados e a propagação da cultura entre os homens a fim de poder alcançar o cimo de um Ideal.

Entre outras muitas qualidades, possuía essa inata e profunda autoridade que desprem as condutas retas nascidas e baseadas na bondade. Nós o queríamos, o apreciávamos e o considerávamos.

O companheiro Oiticica foi um dos raros mestres, contados em nossas fileiras, diante dos quais temos que nos inclinar, porque harmonizado pela tolerância, em tudo o que fazia, sabia fazer-se compreender. Esse dom de sentimentos profundos necessário para chamar-se Anarquista, ele os possuía e os arastavam, não diminuindo, antes crescendo pelos anos afora, a esse ímpeto revolucionário que tanto possuía, em prol das grandes obras que a Anarquia profetiza. Porém, a tempera de lutador não se calcula somente por suas obras e trabalhos. Mede-se pela força física que estes acarretam. Pelo sofrimento por eles aceitado com estoicismo. E o companheiro Oiticica possuiu esse estoicismo batizando suas obras com horas de dores bem amargas.

Foi desses vencedores, chamados vencidos, que com tempera vigorosa, sempre firme, representou permanentemente ante os direitos insultados, pelo capitalismo e seus esbirros, a razão e a justiça.

A lei severa da Natureza arrebatou-nos bruscamente um dos que mais queríamos e admirávamos. Com todo nosso pesar gritemo-lo bem alto "companheiros como Oiticica são pilares e exemplos do nosso Ideal". São dos que infatigáveis na luta e em seus trabalhos, tudo sacrificando pela Anarquia adiantam e contribuem para a Revolução Social.

O companheiro Oiticica lutou continuamente toda sua vida com a cultura e a ação contra os impérios, contra os estados, contra os políticos, contra os militares e contra as religiões para alcançar uma sociedade melhor. Sua memória merece o respeito, não só dos Anarquistas, mas de todos os homens livres. Ante ela reafirmemos nossos ideais, desfraldemos nossa moralidade; proclamemos que o dever é base, o sacrifício necessário e a ação imprescindível para transformar a sociedade.

Querido companheiro Oiticica, que a terra te seja leve!

para que as sementes fecundas frute mais querido do homem, a que lançou nas terras férteis do Liberdade. campo social deem algum dia o

Trabalhadores

Não vos deixeis enganar pelos políticos de qualquer partido ou côr. Trabalhai por vossa libertação incorporando-vos ao SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO!

Associação Internacional dos Trabalhadores

Tôda correspondência deve ser enviada para a Avenida Almirante Barroso, n.º 6, sala 1101 endereçada para nosso diretor ou nosso administrador.

Mestre José Oiticica

Outros o lembrarão como o admirável professor de prosódia e português. Como o amigo de coração cheio de claridades. Eu o lembrarei como o dramaturgo de "Pedra que Rola", que aplaudi quase menino, de uma galéria no Carlos Gomes, apresentada pela Companhia Gomes Cardim, que tinha Itália Fausta como primeira filha.

Eu o lembrarei, contente como um menino grande, no palco imenso do João Caetano, de olhos enevoados de lágrimas, no "Teatro do Estudante do Brasil" presenteava ao nosso teatro a graça e o gênio de sua filha Sônia, que ressuscitava o mistério e a beleza da Julieta shakespeareana.

Eu o lembrarei, na sala do restaurante da "Casa do Estudante", ajudando a rapaziada que começava a apaixonar-se por teatro, dando-lhe soberbas aulas de como se devia falar corretamente no palco.

Eu o lembrarei assim, fiel ao seu destino de poeta a vida inteira, desinteressado e puro.

Paschoal Carlos Magno
"Correio da Manhã", 2-7-57.

Recebemos a seguinte carta:
Rio, 3-7-57.

Ação Direta

Prezados senhores,

Soube do falecimento do Prof. José Oiticica pelos jornais. Quem abaixo assina não esteve e não está a ele ligado por laços quaisquer que não sejam o do respeito e o da amizade, nunca demonstrados, porém, existentes em mim e em quantos admiram os Homens verdadeiramente vertebrados, verdadeiramente Cidadãos da Humanidade. A quem tanta inteligência teve não faltaram as mil e umas oportunidades para viver no ócio. Certamente foi tentado umas tantas vezes, ora ostensiva, ora sub-repticiamente, a abandonar seus Ideais. Não lhe quero fazer o panegírico, mas, apenas, mui brevemente, testemunhar o meu apreço àquele Homem.

Peço-lhes que façam chegar à família, a minha pública e insignificante homenagem aconchada da minha mágoa, não a mágoa aviltante do aniquilamento, mas, a dor do cidadão que não comungando plenamente com os seus Ideais, depora a não existência de muitos Oiticica, que o possam substituir.

Independentemente do favor que lhes peço, podem os Srs. fazer desta, o uso que lhes aprouver.

Atenciosas saudações.

VICENTE R. DA SILVA

Bandeira e Oitica

Por SERAFIM PORTO

Morto o grande mestre José Oitica, apressou-se o poeta Manuel Bandeira a escrever sobre ele, no número do dia 3 de julho, do Jornal do Brasil.

Chamou-o trabalhador, probo e bom. Ainda bem!

Censurando-o disse: — "Tentou demolir glórias definitivas como as de Alexandre Herculano e Gonçalves Dias".

Com tal procedimento, o grande mestre mostrou que só há figuras intocáveis para os adoradores de deuses, do tipo, por exemplo, dos peregrinos que vão, em busca das bênçãos, ao templo piedosamente denominado, por Stefan Bacin, — "Ilha de Manuel Bandeira".

Não aceitamos a crítica de mestre Oitica a Herculano, apenas, por se haver colocado em plano diverso daquele em que estava o grande romancista e historiador português, também trabalhador, probo e bom. Já o mesmo não diremos em relação à crítica feita a Gonçalves Dias.

Justas ou injustas as críticas, lá estão Herculano e Gonçalves Dias

onde sempre estiveram. E por que? Porque o verdadeiro, este é indelével!

Proclamassem eles, ao mundo, como Bandeira:

Prefiro el lirismo de los locos
El lirismo de los borrachos
e não teriam resistido ao camartelo oiticiquiano, que "bandeira" de la poesia brasileira em América" não ousou enfrentar.

Adiante, lamentando-se: "Há pouco tempo, esquecido das velhas relações de amizade que nos prendiam, ridicularizou-me a fundo e sem contemplação".

Lamentação inoportuna!
Mas, se o ridicularizou, foi por não haver reconhecido neste, o outro Manuel Bandeira, que não fazia obra de "locos" ou de "borrachos".

Prosseguindo, escreveu: "Que vida cheia de esforço, de formidáveis energias mal orientadas".

E depois, mestre Catão não quer que o ridicularizem! Pretenderia Manuel Bandeira poder traçar normas para um Oitica?! É boazinha!

Oitica se impôs pelo seu valor, em ambiente hostil, que jamais o

fêz dobrar a espinha, e sem precisar de agentes, que dele fizessem propaganda. Manuel Bandeira deve saber como conquistou Oitica, a Cátedra que sempre honrou, no Colégio Pedro II.

Quanto a sua "generosa ação anarquista", servem de resposta, as prisões, o desemprego, a calúnia, o boicote, sofridos pelo mestre.

Vaticinou o santificado poeta, que, com a morte de mestre Oitica, desaparecerá a obra dele!

É possível... Mas, muito mais depressa desaparecerá a obra de "locos" e de "borrachos", por sua própria essência.

mente estabelecido contra os produtores da terra.

Mas o sangue não foi derramado em vão. Em todos os continentes, foram os sobreviventes se abastecer da libertária gesta espanhola, que deu ao mundo a nota inicial e definitiva, a lição eficaz para a libertação das cadeias que o oprimem.

Tarde ou cedo, os lutadores, os homens amantes da fraternidade universal, reconhecerão qual é o caminho para conseguir o objetivo que esta hora reclama para tornar factível o bem-estar humano.

A Gesta...

Continuação da pág. 4

cessários para tal empresa, que, se bem secundada, poderia terminar com o imperialismo capitalista, instaurando na face da terra, um regime de liberdade social que poderia ser partilhado com justiça por todos os seres humanos.

A história registrará como uma deslealdade a mais a falta de vigor e de decisão, dos homens cuja trajetória política e social determinou sempre, o prolongamento de um estado de coisas fraudulentamente estabelecido contra os produtores da terra.

Não havia...

Continuação da pág. 4

ria foram resolvidos pelos comitês de milícia, comitês locais e pelos organismos especializados cuja autoridade dependia da força popular. Tudo dependia da milícia e os anarquistas eram, ao mesmo tempo, a nata e a massa dessa milícia.

Acabaremos repetindo as palavras publicadas em 1938 por Lúcia Sanchez em "Mulheres Livres" e que conservam sempre sua grandeza e atualidade: "Dezenove de julho de 1936! Não existe data na história de um povo que contenha

tanta grandeza. E seu conteúdo permanece em pé, vive, aberto a todas as possibilidades, capaz de todas as fundações. Acima de tanta manobra, tantos esforços e tantos sacrifícios, o 19 de julho se levanta ante o mundo com tão expressiva eloquência, tão evidente que, só por ela, um povo se mantém de pé. As circunstâncias nos encerraram num círculo férreo, colocaram-nos numa regressão antinatural, mas sabemos que o 19 de julho continua velando por nós e brilha como esperança na sombra de próximos futuros. Sabemos que, neste aniversário, se intentará, como sempre, com falsas palavras e artifícios de retórica, manchar a dignidade de um povo, mas, o 19 de julho continua a triunfar como realidade única e única saída".

Prezado leitor

Hoje mais que nunca, Ação Direta, precisa de sua contribuição.

Publicaram algumas gazetas desta capital um "Decálogo de Reivindicações do Trabalhador Brasileiro", com os seguintes itens: a) contenção do custo de vida, pela revisão da lei do imposto de consumo e aproveitamento nacional do SAPS; b) instituição de uma escala móvel de reajustamento salarial enquanto não ficar contida a alta dos bens de consumo; c) desenvolvimento industrial através de uma participação maior da classe operária na riqueza nacional; d) reforma agrária, com tramitação rápida no congresso nacional, da legislação social específica para o trabalhador rural; e) liberdade sindical, pela reforma da legislação existente e consequente extinção da influência coercitiva do Ministério do Trabalho; f) hierarquia sindical, através de uma legítima cadeia de transmissão, constituída de sindicatos, federações e confederações; g) moralização do Fundo Sindical, através da aplicação racional de suas verbas; h) direito de greve, com regulamentação do art. 158 da Constituição Federal e revogação do decreto 9.070; i) reforma da Previdência Social, com a participação dos contribuintes na sua direção; j) implantação de uma justiça social verdadeira para que se realize o progresso da economia nacional.

Este "decálogo" apareceu na imprensa pela boca do "conhecido ladrão do Fundo Sindical, Holanda Cavalcanti", título que lhe confere a revista "Maquis" na sua reportagem sobre o inquérito do fundo sindical, publicado no n.º 20. A grande surpresa para nós, não consiste no cinismo com que o escamoteador do dinheiro dos trabalhadores, pede no item G moralização do Fundo Sindical (ao ser acusado por um inquérito de parlamentares de ter recebido 8 milhões do fundo sindical e não ter prestado contas), mas, ao sabermos que ele ainda é presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na indústria e que atualmente está em Genebra arvorado em líder sindical, sem que os trabalhadores esboçem o menor protesto. Seus pedidos são demagógicos e não tem outro resultado prático, que o de manter o assalariado escravo eterno, eterno explorado, faminto resignado.

CATÓLICOS BRASILEIROS, ao som de cuicas e tamborins, comemoraram "religiosamente" o duplo aniversário do Papa Pio XII. Coincidindo com os festejos carnavalescos, a maioria dos católicos brasileiros comemoraram, no dia 2/3 último, o 81.º aniversário natalício e a passagem do 18.º aniversário da elevação do Papa ao trono de S. Pedro. Nesta época em que, à falta de reis de verdade se escolhem reis para tudo quanto se possa imaginar (os cachorros viralatas já tem o seu, espetacularmente coroado, com ampla cobertura jornalística e páginas fotográficas no "O Globo"), o rei dos católicos e todos os que acreditam nas mistificações da Igreja, tiveram a colaboração espontânea dos súditos de Momo para comemorar "religiosamente" o duplo aniversário. Assim sendo, tudo se combinou para que congregados marianos e filhas de Maria festejassem "animadamente" o duplo aniversário do Papa, "usando" e "abusando" de tudo quanto a moral proíbe "antes, durante e depois" do Carnaval...

D. Helder, em entrevista à imprensa, não declarou que brincar no carnaval não é pecado? E ele mesmo, na citada entrevista, não disse que tinha sido convidado para "sócio honorário" do Bola Preta? Assim sendo, nada mais natural que, até o mês de dezembro próximo (daqui a 9 meses), a população brasileira seja acrescida com novos brasileiros, muitos dos quais virão ao mundo por "obra" e "graça" de algum "espírito santo" de batina. Ao som das cuicas e tamborins, tudo pode acontecer... Até milagres.

PREOCUPA-SE O VATICANO COM O REPÚDIO DOS ITALIANOS AO CASAMENTO RELIGIOSO. — Na Itália, as espôsas de militares dados como desaparecidos na última guerra, querendo casar-se novamente, têm encontrado dificuldades em realizá-lo, porque o Vaticano só concede autorização para novo casamento religioso "com a prova certa da morte". Como a lei italiana prevê que os combatentes desaparecidos, dois anos após a assinatura da paz ou três anos após a cessação das hostilidades, são dados como mortos, as mulheres viúvas dos militares estão-se casando somente no civil, que, afinal de contas, é o meio legal burguês para contrair matrimônio honestamente, de acordo com a lei.

Em vista disso, o Vaticano, não querendo perder o dinheiro que o casamento religioso lhe põde proporcionar, resolveu nomear uma comissão para estudar as questões que se apresentam e que os interessados procuravam resolver da maneira mais fácil e menos burocrática. Assim sendo, a Congregação dos Santos Sacramentos estuda a forma de burlar as leis canônicas, para que o casamento possa realizar-se e o dinheiro proveniente da cerimônia entre para as arcas do maior tesouro do mundo

Ludibriando o trabalhador

Por LIDIO GOMES

O trabalhador não deve nem pode aceitar pedidos em seu nome. Ele é o produtor e como tal tem os direitos naturais que lhe garantem o seu esforço físico e intelectual de todos os dias. O trabalhador deve reivindicar e não pedir. O homem que trabalha, que produz, não tem porque mendigar algumas migalhas do muito que produziu, mas exigir o suficiente para o sustento dos seus.

Dentro do sindicato não deve existir o líder, para que o mesmo não se transforme num viveiro à custa dos cruzeiros dos que trabalham, como vem fazendo Holanda Cavalcanti. Para que o trabalhador possa obter as melhorias a que tem direito, precisa lutar por caminhos bem diferentes daqueles que indica o demagogo, ladrão do fundo sindical, Holanda Cavalcanti. 1.º) Lutar pela libertação dos sindicatos das garras do Ministério do Trabalho, por meios de greves gerais de protesto, recusando-se sistematicamente a pagar o imposto sindical, enquanto o mesmo não for em favor do próprio sindicato operário; 2.º) obtida a liberdade sindical por meio de protestos veementes e consecutivos, expulsar em seguida os pelegos e os políticos da esfera da influência dos sindicatos; 3.º) criar federações ou uniões de sindicatos e uma só confederação como a FORA da Argentina, a CNT da Espanha ou a CGT de Portugal com um órgão de imprensa diário para ilustrar os trabalhadores e protestar contra as injustiças patronais e estatais. Este jornal seria sustentado pela confederação; 4.º) criar a caixa econômica proletária onde se recolheria o dinheiro dos

trabalhadores, que se utilizaria para financiar greves, imprimir folhetos e livros de orientação sindical, para criar em cada sindicato uma biblioteca e um jornal semanal ou mensário de cada classe profissional; 5.º) preparar cursos de capacitação, escolas de militantes, para se adequarem os jovens à luta sindical com profundo conhecimento do sindicalismo revolucionário, isto é, sindicalismo sem influência política partidária e capaz de tomar a seu cargo a produção numa nova sociedade sem exploradores nem explorados; 6.º) criar escolas nas sedes dos sindicatos com cursos profissionais e de línguas para tornar o trabalhador um culto profissional e perfeito conhecedor do seu ofício; 7.º) fundar comunas que sirvam de meio abastecedor para os trabalhadores; estas seriam agregadas por federações regionais de comunas em uma federação geral das comunas. Assim, o trabalhador teria seu abastecimento alimentar garantido, sem depender do comerciante que vive à sua custa; 8.º) capacitado o trabalhador em todos os ramos do saber humano e organizado o meio de subsistência, levariam à paralização total a produção capitalista, fazendo cessar simultaneamente o trabalho por meio de greves; 9.º) ocupar em seguida, todos os lugares de produção e troca, centros vitais do país, apoderando-se de todos órgãos de ação; 10.º) pôr em marcha, após um tempo mínimo de paralização, todo o maquinismo de produção e troca, assegurando a vida do país pela continuação das permutas rurais e urbanas, controlando assim a produção e o consumo e estabelecendo a igualdade de direitos e deveres entre os povos, verdadeira felicidade humana.

Assim, trabalhador amigo, estarias livre do teu maior inimigo explorador: patrão e Estado, que se unem para te aniquilar. Expulsa pois do teu seio os que tudo fazem para que não compreendas que, sendo tu o produtor, o realizador, não és o consumidor e sim o esmoler.

Trabalhador! O bem estar da sociedade, reside em teus braços, são eles que produzem o indispensável à vida; é necessário que teu cérebro o compreenda para que não permitas aos outros resolver o que só a ti compete. Sem isso serás escravo eternamente, da Igreja, do Capital e do Estado.

os frequentadores de ambos os sexos que não queriam ser identificados. Henrique VIII, que a história nos apresenta como um dos mais debochados reis da época, secularizou a abadia e, ao que parece, dado o seu interesse pela mesma, era um dos mais assíduos frequentadores.

Como se vê, desde que o mundo é mundo e a Igreja existe, quanta miséria moral se oculta nas concentrações de religiosos de ambos os sexos...

SÃO TODOS IGUAIS. — Irmão da "Fraternidade Eclética Espiritual Universal", tão espertinha quanto à Igreja Católica Romana, pois já se transferiu para a futura capital do Brasil, em Goiânia, a fim de catequizar "pobres diabos" semi-civilizados para a sua seita, em carta-aberta publicada no órgão oficial da Fraternidade, assim se manifesta a respeito da conduta sexual dos padres: "Até aqui, quanto a padres, o que sei é que são castos e celibatários e mesmo que eu soubesse de algum padre haver errado (no momento não sei de nenhum), não generalizaria um conceito sobre o caso, pois o padre é humano e a Religião divina. Ela paira sobre quaisquer erros dos seus próprios filhos..."

Devemos estar sempre alertas contra toda essa casta de misticadores e "sabidos" que, a pretexto de catequizar adeptos para suas seitas religiosas, praticam toda a sorte de atentados à moral e à honra das famílias, garantindo-se antecipadamente "contra o erro".

Errar é humano. Mas errar continuamente merece condenação. E a melhor condenação que se pode fazer é aconselhar a todos que abandonem as seitas religiosas a que pertencem, não frequentando as Igrejas respectivas. As mulheres e as crianças, principalmente, devem ser imunizadas contra essa "epidemia", porque são mais fáceis de catequizar. E' aí que o clero desenvolve maior atividade. Com palavras doces e mentirosas, desencaminham as criaturas, arrebatando-as para o seu rebanho. Curas e frades, freiras e madres, abades e abadesas, deviam ser castrados, antes de se entregarem "ao serviço de Deus", para que a tentação da carne não os levisse a prática de atos de luxúria que a Igreja e a moral condenam, mas são comuns nas concentrações religiosas e nas sacristias, que mais parecem "harens" que Casas de Deus...

ESTAMOS VOLTANDO AOS TEMPOS DA "STA." INQUISIÇÃO — Incluídos no "Index" do Sto. Ofício os livros de Unamuno — Notícias de Roma, sede central da Internacional Negra, informam, em caráter oficial, que todas as obras do escritor espanhol Unamuno foram condenadas pelo Santo Ofício, principalmente "Do sentimento Tragico da Vida" e "Agonia do Cristianismo". Segundo o jornal "L'Osservatore Romano", órgão de ex-

Continua na pág. 3

PRISÃO

As grandes provações tornam as causas grandes!
Nada soffro! Meu sonho há de ser sempre o que é,
Do alto do meu Sinai fito areias e landes
E prossigo a buscar Canaã, como Josué.

Tenho orgulho, alma sã, das espadas que brandes!
Vieram todas de heróis que morreram de pé;
E hoje, em prol do teu povo, entre o Atlântico e os
[Andes,
Melhor refulgirão, núcias da tua fé.

Bendita esta prisão que me anima em meu surto,
Faz desta Via-Sacra o caminho mais curto
E enfeita a minha cruz ao toque dos clarins!
Bendita a provação que me ergue aos superiores,
Justifica o meu ato, unge os meus dissabores,
E afirma, em toda a Terra, a glória dos meus fins.

JOSÉ OITICA

PARA MAIOR GLÓRIA DE SATANÁS

Por Pedro Botelho Junior

que é o Vaticano. Digam, depois, que os dirigentes católicos não são "sabidinhos". Por isso afirmamos, sempre que se nos oferece oportunidade que: "onde há dinheiro, há padre..." e eles conhecem artes e manhas para apoderar-se do metal sonante e das notas bancárias. O fim "justifica" os meios...

MONGES E MONARCA DEBOCHADOS EM ORGIAS E BACANAIS. — Segundo uma lenda antiga, que nada tinha de lenda, conforme acaba de ser apurado, monges da abadia de Barking, (Inglaterra), possuíam uma adega bem provida, para entregar-se a orgias e bacanais durante a noite. Tão escandalosos eram os encontros noturnos desses monges, que, numa escavação realizada nos terrenos onde estava localizada a adega da abadia, foram encontrados 70 ataúdes que serviram, ao que tudo indica, para sepultar os que em consequência dos excessos a que se entregavam, morriam vitimados por congestões luxuriosas. Um subterrâneo ligava a abadia à citada adega, que possuía entrada e saída secretas para

No paraíso de Salazar

XX

Por EDGART RODRIGUES

POR ANTROS DA PIDE À BASTILHA DE S. JOÃO BATISTA, NA ILHA DE TERCEIRA (AÇORES). De 1926 a 1933, as prisões do continente português encheram-se de presos políticos, a tal ponto que os ditadores portugueses tiveram de transportar algumas centenas para Timor, no hoje famoso navio "Gil Eanes". Porém a mais terrível perseguição processou-se de janeiro de 1934 a 1942. Em Portugal, continental e ultramarino, criaram-se os mais terríveis matadouros humanos, onde se infligiam martírios inimagináveis. No começo da ditadura, as prisões utilizadas para os opositores eram as velhas cadeias civis, os aljubes, os fortes de Coimbra, Peniche, Monsanto e Caxias. Após o progresso do fascismo e do nazismo, os fascistas portugueses sob o comando de Salazar, principiaram a prender políticos de todas as tendências e não políticos, valia tudo. Para integrar as equipes dos facinorosos da PIDE, foram recrutados assassinos e ladrões, alguns dos quais reconhecidos chulos do tempo da traulitânia, que, no Edem Teatro do Porto, tantos crimes praticaram. Essa cáfala de protetores da "nova ordem" assaltavam, pela calada da noite, casas dos discordantes do fascismo salazarista em tal quantidade, que não era já possível abafar, no continente, tantos gritos de dor e de revolta. Era preciso seguir as experiências de Ferreira do Amaral e de outros chefes da moderna inquisição, enviar os presos para as colônias. Timor e Guiné já não ofereciam segurança para os deportados, vivendo estes em palhotas, podiam evadir-se.

A ilha de Terceira (Açores) seria a mais indicada. Lá estava o velho Castelo de S. João Batista cercado de enormes muralhas junto ao mar. Salazar e Lourenço, acharam ótimo esse presidio. Lá colocariam muitos presos, tinha bons segredos para castigar os rebeldes e não havia possibilidade de fugas. Concluído o plano de morte contra os anti-fascistas, seguem para lá levados e mais levados que totalizam milhares de portugueses de todos os credos políticos e religiosos. Para essa bastilha enviaram analfabetos acusados de atividades das quais ouviram, pela primeira vez, falar nos antros da PIDE. Lá cegaram o valoroso anarquista, João Vieira Alves, condenado a 5 anos de prisão por ser anarquista. Prêso no Porto sob o pretexto de que lia jornais espanhóis, acabou (após ter provado que os mesmos eram vendidos livremente) sendo condenado porque, em pleno tribunal, se declarou anarquista. E' hoje um cego porque os assassinos subordinados de Salazar lhe recusaram permissão de tratar-se com médico competente, nem mesmo pagando a conta. João Vieira Alves está hoje vivendo no Porto, porém reduzido à miséria e à cegueira, graças a Salazar e seus audazes bandos de assassinos.

José Augusto de Castro que, naquela bastilha contraiu uma tuberculose óssea, foi julgado com Vieira Alves e condenado a 4 anos de prisão, acusado de distribuir

jornais publicados clandestinamente em Portugal. Centenas de portugueses saíram da terrível bastilha para vir morrer em casa, alguns anos após a libertação, outros vivendo ainda alguns anos, mas, como cadáveres vivos. Não escapavam catadráticos como o Dr. Ilídio Alves, professor da Universidade do Porto, nem analfabetos como Joaquim dos Santos Gonçalves. O bando do famigerado Capitão Agostinho Lourenço (há pouco substituído de chefe da PIDE pelo rufião Capitão António Neves Graça, ex-diretor da Casa da Morte, 329, Rua do Heroísmo, Porto, onde dirigiu milhares de atentados à liberdade dos portugueses e onde era conhecido por "Terro do Café Magestic", este situado na Rua Sta. Catarina) prendiam, espancavam e deportavam a torto e a direito. Os presos, após alguns dias de bárbaros espancamentos, eram etiquetados, uns de bolchevistas, outros de bombistas e parte deles arremessados para a deportação sem julgamento. Os sicários da PIDE chegavam mesmo a distribuir cargos de chefes de "Soviets" e outros (num movimento revolucionário por eles imaginado) sem que alguns desses infelizes acusados, algum dia tivessem ouvido falar em semelhantes nomes.

A propósito destas citações tão conhecidas em Portugal, relatarei um caso bem característico contado pelo jornalista Paulo de Castro, num artigo publicado no "Diário de Notícias", sobre o título "Imagens de Natal". Conta ele que, estando prêso na Bastilha de S. João Batista, na ilha de Terceira, em 1934, encontrou, entre muitos outros, um tal André, camponês da Marinha Grande, que, alegando ser acusado de chefe de um "Soviet" pela PIDE, respondia: "só se era por eu jogar a suéca a feijões e dizer mal da autoridade". Outros Andrés foram presos por terem recebido, de mãos de bolchevistas, folhetos de propaganda e distribuí-los entre seus companheiros de trabalho. A ignorância da responsabilidade de tais atos motivou a prisão de muitos homens sem nada na cabeça, mas que não deixaram de conhecer espancamentos da PIDE. Outros porque, analfabetos, haviam apanhado e guardado manifestos denunciadores de crimes que a polícia de Salazar vinha praticando. Os rafeiros do Lourenço não perdiam tempo; após alguns dias de torturas inqualificáveis, enviavam-nos para o capitão Paz, durante algum tempo inquisidor-mór da Bastilha da Terceira. Nesse matadouro humano, outros assassinos profissionais se salientaram, como o sargento Miranda, da Guarda Republicana do Porto, os tenentes Melo, Toledo, Raposo e

Adelino Soares. Foi lá que se aperfeiçoou, no roubo aos haveres dos presos, nos bárbaros processos de tortura e no assassinio, o selvagem capitão Manuel Martins dos Reis, o conhecido fundador do Tarrafal. Com a partida deste terrível carrasco-mor, subiu a categoria de primeiro inquisidor, o tenente, depois capitão Raposo, algum tempo depois substituído pelo gazedo capitão Olegário Antunes. Foi este último que promoveu assaltos e roubos de papel, lápis e tinta aos presos durante certo período da revolução espanhola, proibindo igualmente a leitura dos jornais diários, com notícias já coadadas pelos crivos da censura.

OS GUARDAS DO PRESIDIO VENDEM-SE POR DINHEIRO. — O dinheiro, que compra o padre e o político, não deixou de comprar alguns infelizes que serviram de vigilantes na fortaleza de S. João Batista. E foi, digamos, graças ao vil metal que o mundo exterior soube notícias dos deportados. Várias dezenas de cartas saíram daquela Bastilha pelas mãos dos soldados e foram por eles colocadas no correio. Muitas delas se destinavam a S. Paulo e foram publicadas pela "A Plebe", relatando crimes estarrecedores. Outras foram parar à America do Norte e publicadas pela "Aliança Liberal", chegando estas publicações a merecer o protesto na Assembléa Nacional (Lisboa), pela boca de Eça de Queirós Filho (grande inimigo da Obra liberal de seu pai). Tudo acontecia apesar dos espancamentos e constantes assaltos dos militarotes e, como fenómeno, saíam, das prisões, sucessivas cartas com surpresa daqueles que haviam rebuscado tudo à procura do papel, da tinta ou dos lápis com que os presos escreviam. Isso intrigava os inquisidores a tal ponto, que chegaram a obrigar os presos a despirem-se ao mudarem de caserna, para que não levassem nada. E qual o seu assombro ao ter conhecimento, pouco depois, de que chegava a vários países e ao continente um jornal manuscrito feito pelos anarquistas presos à sua guarda com o título "O Brado Libertário".

No velho castelo de S. João Batista sofreram, num período de 15 anos, milhares de portugueses de todas as categorias sociais e dos mais variados credos políticos. Lá se inutilizaram chefes de família pelo simples "crime" de protestarem contra as desigualdades sociais reinantes no país. Deixou de ser utilizado como matadouro humano, em 1943, quando aquela ilha foi entregue aos aliados, para fugir ao plano de captura das ilhas. Salazar, para salvar a boa aparência, mandou alguns presos dali para o Tarrafal e os restantes para o Castelo de Peniche.

Assim termina um presidio de tão negra história.

NOTA Sobre esse odioso pardieiro de Angra do Heroísmo, damos outros detalhes no nosso livro "Inquisição de Salazar", agora editado.

A VÓZ DA OVELHA

"AMAI-VOS UNS AOS OUTROS"

Por FREI MALAVENTURA

"Diletos" ouvintes. A palestra de hoje é uma espécie de história em quadriminos, sem ilustrações gráficas. Começa aqui, na capital da República e termina em Recife, Estado de Pernambuco. Como todos vos sabeis, não ha cidade ou vila no Brasil onde não vicejem como cogumeis a erva daninha de uma igreja ou capelinha, que tanto pode ser católica, apostólica romana, como protestante, luterana, bíblica, adventista ou de filhos de... Jeova. Também pode ser da Assembléa de Deus, ou da Legião da Boa Vontade. E' a mesma coisa. Tanto assim que os habitantes deste imenso Brasil, quando lhes falta outro divertimento, fazem destas religiões o seu passatempo favorito. A maioria dos brasileiros não segue religião alguma, porque sabem que todas não passam de verdadeira mistificação, seja ela de origem vaticana ou americanista (U. S. A.). Teoricamente todas elas pregam: "adorar a Deus Nosso Senhor Todo Poderoso sobre todas as coisas" e "amai-vos uns aos outros", conforme rezam as Sagradas Escrituras. Na prática, porém é o que se vê: luta incessante para subjugar as massas incultas e submissas, a fim de que o seu dominio sobre as mesmas se torne mais fácil e lucrativo. Não tubeliam em recorrer ao assassinato e a pilhagem, infringindo os "mandamentos da lei de Deus", especialmente os 5.º, 6.º, 9.º e 10.º.

A história que a seguir vou relatar-vos é bastante expressiva, não deixando margem para sofismas. Passa-se em Belford Roxo, Estado do Rio, Brasil (digno de melhor sorte). Personagens: um padre católico, um pastor protestante e grande comparsaria de curiosos de ambas as religiões. Termina em Pernambuco.

Começou assim: recentemente, o padre José Bester, nazista como todo bom filho da... pátria de Hitler, deixou a pregação anti-batista que fazia regularmente do púlpito, para agredir, fisicamente, os adversários que são todos os que não professam a sua religião.

Para isso conta com a posse de um seguro revólver "Colt" 32 e um pesado crucifixo, utilizado como arma vingadora. Não se conformava o vigário com a debandada de suas ovelhas para o rebanho do pastor batista e por causa disso declarou guerra sem quartel à população local. Começou a praticar a série de violências que já são do conhecimento público e aqui são enumeradas por ordem cronológica:

DIA 22-1-57 — O padre José Bester, católico, por rivalidades religiosas, queria matar o pastor protestante, esquecendo-se do que preceitua o 5.º mandamento. Proferindo palavras de baixo calão, o vigário de Cristo distribuiu socos e pontapés aos protestantes reunidos em praça pública. O padre queria ver sangue. Por isso fez menção de sacar o revólver que conduzia debaixo da batina. Os ânimos se exaltam, mas não houve mortes nem feridos naquele dia...

DIA 4-4-57 — A igreja batista vai ser fechada. A tiros. O padre católico, "educado" política e religiosamente sob o lema do "crê ou morre" continúa querendo ver jorrar sangue. Conta com a colaboração de "sua companhia" que todos conhecem como a "Maria do Padre". Sendo alemão, gosta também do artigo nacional para distrair-se nas horas de lazer e ajudá-lo a fazer agitação e arruaças. Ainda desta vez não se consumou o atentado sanguinário...

DIA 23-4-57 — De revólver em punho, o padre fechou a igreja do pastor, que foi violentamente agredido. A população enfurecida queria linchar o padre. A polícia salvou-lhe a pele.

DIA 6-5-57 — Belford Roxo transformada em praça de guerra. Revivem naquela localidade as lutas religiosas. O padre quebrou a cabeça do sub-delegado da polícia, fazendo do crucifixo a arma assassina. Usa-o como "cassetete" vingador. Promete o vigário, organizar uma

ANARQUIA

Para a anarquia vai a humanidade,
Que da anarquia a humanidade vem!
Vede como esse ideal do acórdio invade
As classes todas pelo mundo além!

Que importa que a fração dos ricos brade
Vendo que a antiga lei não se mantém?
Hão de ruir as muralhas da cidade,
Que não há fortalezas contra o bem.

Façam da ação dos subversores crime,
Persigam, matem, zombem... tudo em vão...
A idéia, perseguida, é mais sublime,

Pois, nos rudes ataques à opressão,
A cada herói que morra ou desanime
Dezenas de outros bravos surgirão.

JOSÉ OITICICA

procição, só com homens armados, como éle, de revólveres "Colt". Ainda desta vez foi adiada a cruzada assassina...

DIA 10-5-57 — O vigário de Belford Roxo declarou guerra à cidade. Em pânico a população, ante os métodos violentos usados pelo turbulento vigário. A "companheira" que ajuda o padre em "todos os serviços" tenta agredir os jornalistas que foram a Belford Roxo. O que não impediu que eles cumprissem seu dever profissional. De palavra em palavra, ouviram e conseguiram saber o seguinte: O ódio do padre Bester aos moradores da localidade nasceu com a construção da Igreja Batista a uns 20 metros de sua paróquia. O templo batista é espaçoso, de cimento armado, enquanto a Igreja católica é quase um galpão. E assim permanece, porque o vigário de Cristo é um perfeito vigarista. Dinheiro para a construção não lhe faltou. Fêz-se uma tómbola e foram recolhidos quase 300 mil cruzeiros. Mas o padre quis viajar para a Alemanha e o fato é que, a maior parte dos recursos arrecadados desapareceram. Apenas alguns reparos foram feitos na casa "paroquial". Isto é o que diz ao repórter o sr. Carlos Siquora de Souza, morador antigo de Belford Roxo.

Com dinheiro, ou sem dinheiro, o certo é que o padre José viajou para seu estado natal, deixando a paróquia entregue a uma meia dúzia de fiéis. Não poderia, portanto, progredir. Mas o padre Bester não tolerou esta inferioridade e passou a combater, inclusive de revólver os seus rivais.

Além de vigarista, não respeita "o nono mandamento da lei de Deus". Vive em concubinatos com a Dna. Maria da Silva. Residem no mesmo teto. E os moradores das redondezas têm verdadeiro pavor dessa dupla criminosa e... luxuriante.

DIA 13-5-57 — Aguardado com viva emoção, o desenrolar dos acontecimentos de Belford Roxo. O padre José Bester, manifesta-se, novamente, contra tudo e contra todos. Desrespeitando a Constituição, que "garante" a todos a liberdade de pensamentos, alega que no Brasil não há lei. Pensa que está vivendo na época hitlerista. Ainda desta vez, nada aconteceu de anormal em Belford Roxo. Autoridades do Estado do Rio e católicos da localidade procuram contornar a situação, verdadeiramente antipática e anti-cristã do padre hitlerista que conta com a valiosa proteção dos chefes da Igreja Católica no Brasil, com D. Jayme à frente. Conta-se do padre Bester, que quando regressou da Alemanha onde fora passear com o produto da tómbola realizada para a reforma da sua igreja (que está em ruínas), voltou mais entusiasta e "crente no vinho, não no vinho místico do Sto. Sacrifício, mas no vulgar vinho que se bebe nas tabernas e que se é nacional é terrível para mexer com os miolos". Quando o condutor de consciências enche a pança desse líquido, perde a compostura e... não vos digo mais nada. Tudo acontece.

Conclusão: Apesar dos pesares, tudo ficou como antes, no quartel de Abrantes. O padre Bester continua na sua paróquia, gozando a vida, com "vinho, mulheres e música", e os adeptos das outras religiões fazendo o mesmo, mais publicamente, pois suas religiões o permitem. E a população torcendo para que esses espetáculos continuem, pois ajudam bastante para incutir na massa do povo a inutilidade das religiões. A lenda bíblica "amai-vos uns aos outros" não passa de um "slogan" sem significado algum para o bem da humanidade, conforme o demonstram constantemente os próprios encarregados de sua prática. Eles se "amam uns aos outros" no interior das sacristias e nas residências paroquiais, para multiplicar a espécie humana... Por isso ha tanto filho de... padre no Brasil.

Esta história não podia terminar sem que de fato, corresse sangue. O padre de Belford Roxo, acovardou-se, preferindo o doce colóquio com "vinho, mulheres e música", a ter que enfrentar a multidão enfurecida e desesjosa de vê-lo fora da localidade. Mas, em Pernambuco, um émulo do padre Bester, com todos os seus vícios e "virtudes", enfurecido porque o Bispo da Diocese o havia suspenso das ordens religiosas, disparou-lhe três tiros que lhe forneceram o passaporte para o "Paraíso Celestial".

Alega o padre em sua defesa que "quando cessa a força do direito, começa o direito da força". O Bispo vinha perseguindo-o e para provar o que disse, dispunha de farta documentação que publicará oportunamente. Val ser um livro sensacional.

Conta-se que pela segunda vez, na história Universal, um padre mata um Bispo. O primeiro caso aconteceu em Paris, no século XVIII, quando um príncipe da Igreja Católica, em Pleno Solene Pontifical, foi abatido por um sacerdote. Agora, dois séculos depois, repete-se o mesmo caso, em Pernambuco, no Brasil. O vigário brasileiro, quando interrogado na polícia, o fez naturalmente, sem arrependimento. Quando acabou o interrogatório, comeu uma suculenta macarronada e fumou um charuto de primeira qualidade. Estava em plena consciência do "dever" cumprido.

Agora digo eu. Quando os vigários de Cristo lançam mão de revólveres para dizimar as suas contendas é sinal evidente de que a Igreja vai muito mal. Se Deus existe, consentiria em tais atos de desmoralização? Claro que não. Logo... deixo que cada um de vós tire as conclusões lógicas que o caso comporta... Amem.

Para maior...

Continuação da pág. 2

pressão no Vaticano, o decreto estadeira uma análise das "denúncias sobre a gravidade dos erros contidos nos livros de Unamuno", formuladas por altos dignitários do clero católico espanhol.

As denúncias incluem a "Carta Pastoral de Monsenhor Antonio de Pildain e Zapian, bispo das Ilhas Canárias, onde se diz: "Dom Miguel Unamuno, herege máximo e professor de heresias"; e a do extinto bispo de Astorga, monsenhor Jesus Maria y Peres.

Recorda "Osservatore" que o livro "Do sentimento trágico da vida" já havia sido proscrito em 1942, por monsenhor Enrique Pla y Daniel, então bispo de Salamanca e agora Cardeal de Toledo.

Acrescenta que os livros do famoso escritor espanhol, em vista de seu conteúdo, ficaram automaticamente vedados aos católicos, pelo canone 1399, do Código do direito canônico.

A seguir, assinala que o decreto do Sto. Ofício não menciona uma edição específica dos livros de Unamuno, "por que devem considerar-se proscritas todas as suas edições e traduções. O decreto previne ainda aos católicos que também outros livros de Unamuno contém "várias coisas contra a fé e a moral".

Os leitores de "Apão Direta", ao lerem a notícia acima, já terão opinião formada a respeito. A Igreja condena tudo que não sirva para dizer "amém" às suas mistificações. Mas acontece, quase sempre, que o feitiço se vira contra o feiteiro. Tudo o que é proibido é o mais procurado. E quem não conhece fica sabendo... ou procura saber. Logo... as condenações da Igreja produzem efeito negativo. Ninguém as toma em consideração.

1936

Sem Estado e sem Governo

19 de julho de 1936! Data realmente digna de menção por seu significado autenticamente revolucionário. Talvez, caso único na história política e social do mundo, em que todo o povo de uma nação sai, por espontaneidade revolucionária, lutar nas ruas com a ausência absoluta de Estado, de governo e de todo poder político.

Uma república, chamada de "trabalhadores", havia sucumbido covardemente e sem resistência ao golpe de Estado de alguns quantos assassinos militares, vendidos ao capitalismo estrangeiro. O governo, como todo governo burguês, organizado exclusivamente por camarilhas para o roubo e a exploração dos povos, desaparecia. Governantes, políticos, oficiais, ladrões e parasitas fugiam descontrolados, tremendo e assustados, alguns para esconderem-se e outros para medrar no estrangeiro. Foi somente depois de três dias que, nos lugares onde o povo havia vencido, com seu arriço, sangue e valor, já fora o perigo, políticos, governo e Estado ressuscitaram.

Mas é preciso saber que, o povo que em 19 de julho na Espanha enfrentava o fascismo, não o fazia para defender um governo ou uma república, república como a espanhola de 1931, de promessas, balas e cadeia. Lutava por sua Revolução Social.

Aquêle 19 de julho, que impedindo a vitória de um bárbaro e sanguinário fascismo, patenteava ante o mundo uma criação social, era a síntese de 70 anos de militância, educação e ação anarquista na Espanha. Era o resultado do 19 de junho de 1870, data em que no "Teatro Circo", em Barcelona, se inaugurava o primeiro Congresso Obrero espanhol, ligado também, às reuniões de outubro de 1869 em Madrid, quando os militantes anarquistas Ansel-

mo Lorenzo, Fanelli, Morago, Cano e outros 20, fundavam o grupo organizador da Internacional (seção espanhola).

Foi desde então que, pela incessante e múltipla atividade, greves, comícios, ateneus, jornais e revistas, iria-se emancipar revolucionariamente o povo, que, particularmente com suas duas organizações: Confederação Nacional do Trabalho e Federação Anarquista Ibérica, patentearia por sua ação, a obra anárquica criadora na Espanha do 19 de julho.

Depois do dia 19, a reação capitalista espera o segundo dia com a esperança pífida de que ao organizar o complexo social, o povo sucumbiria automaticamente por incapacidade. E foi precisamente o começo daquele segundo dia que perturbou o fascismo, assustou os burgueses e fez tremer o capital, e que Gonzalez Pacheco, em "Carteles de Espana", de 1938, descreve assim:

"Bem, — o segundo dia — na Espanha o povo tinha resolvido o terceiro e o quarto, toda a vida, sem patrões e sem governo, voltou ao trabalho, organizou o intercâmbio, verteu comédias e dramas e enviou as crianças para as escolas. Não parou um só momento, a não ser para varrer os padres, militares e burgueses, nem seus trabalhos, nem seus prazeres, fossem suaves ou agudos. Com o destino nas mãos, cresceu a responsabilidade do labrego e do operário, do técnico e do artista. Simplesmente admirável!"

Já sabemos que não é "na realidade" que nos poremos de acordo. Nem interessa. Mas ao menos, como ontem para angustiar-nos, reconheçamos agora, para dela tirar prazer, esta revelação da vida: não será por causa do proletariado que ficará a meio caminho a Revolução Social. Não será um problema amanhã. "O segundo dia" não é tão tremendo.

Não havia comunismo

Até agora, o franquismo e seus sustentadores estrangeiros têm pretendido que todos os que protestam contra ele são "comunistas". Ninguém ignora que, historicamente e praticamente, a força majoritária da oposição ao fascismo sempre foi, na Espanha, a Confederação Nacional do Trabalho e o Anarquismo.

Aos 19 de julho de 1936, a C. N. T. e a Federação Anarquista Ibérica (FAI) foram os dois organismos que mais atividade desempenharam. Conforme se demonstra pelas primeiras colunas que formaram e saíram a combater o fascismo:

	Homens
CNT e FAI.....	13.000
UGT (socialistas).....	2.000
POUM (trozkistas).....	3.000
Catalanistas.....	2.000

Como se vê, eram somente forças inteiramente opostas ao comunismo soviético, as quais, emancipadas revolucionariamente, lutavam contra o fascismo, não pela defesa de uma república, senão para cumprir uma obra social revolucionária.

Foi por este motivo que, não só Franco, mas todo o capitalismo internacional, ao ver levantar-se uma Revolução antiestatal, perigosíssima para os interesses criados, fomentava aquela campanha enganadora da opinião internacional inventando o "comunismo ibérico" ou importando, ao mesmo tempo, aquele produto estrangeiro para o povo espanhol. Fizeram, então, aparição, com aquêle elaborado pretexto, as senhas daquela invenção com seu maquiavelismo e seus assassinios que destroçaram a Revolução.

O Movimento Anarquista espanhol animado por gente que não crê em paraísos artificiais senão num bem-estar efetivo, que está na terra e tem de ser conquistado a punhos e coração, havia preparado e organizado sua resistência ao golpe de Estado.

Em todos os lugares, no dia 19 de julho se ouvia "Viva a FAI!"

Os comitês de bairro asseguravam a distribuição. "A Federação de Barricadas", preconizada por Bakúin, posta em pé, mantinha a vigilância revolucionária local. Por outro lado, a estrutura sindical completava as deficiências. As juntas de bairro das cidades ocupavam-se do abastecimento de todo o necessário aos combatentes. Os poderes administrativos governamentais democráticos eram empolgados pelos fatos e inclinavam-se ante a convincente realidade.

Ante a poderosa obra organizadora dos anarquistas, Dori Prudhommeau dizia em "Catalunha":

"A Federação Anarquista Ibérica foi o primeiro organismo que requisitou o conjunto dos meios de transporte, cujo uso foi exclusivamente reservado aos sindicatos, aos comitês de bairros e aos organismos da milícia. Igualmente os problemas de albergue, circulação, aprovisionamento, de controle público e outras muitas impostas pela situação revolucionária

Continua na pág. 2

ESPAÑHA

19 DE JULHO!

1957 UM POVO QUE RUGE

Por LIBERTO CALLEJAS

Quando as ditaduras se vêem obrigadas a usar da ameaça como sistema de contenção aos germes de resistência dos seus inimigos, pode-se dizer que os métodos ditatoriais perderam sua força.

O povo espanhol perdeu o medo ao tirano e seus sequazes. Nos cafés, em plena rua, o homem médio, o trabalhador, isto é, o povo, já se atreve a censurar, a criticar as procacidades do franco-falangismo. A ameaça de cárcere e a imposição de tormento passaram a ser fantasmas de rigor que a ninguém atemorizam.

Não só isso. Os trabalhadores cruzam os braços e abandonam o trabalho, dignamente, enfrentando a tirania dos déspotas!

O povo espanhol renasce e a corrente de repúdio ao regime vai de baixo à cima. Obreiros, estudantes, homens de pensamento e cultura sentem os mesmos anelos e os mesmos desejos: liberar-se, superar-se e engrandecer-se. Espanha não podia ficar relegada ao silêncio e à estupidéz. O terror entumece os corpos mas não apaga as consciências. Estas renascem mais tarde e com mais ímpeto.

Espanha já chegou ao momento culminante de seu despertar, após vinte anos de ignomínia, amarguras e iniquidades. Esse grande coração que é a Espanha, pode-se dizer, palpita de novo e suas pulsações ouvem-se por todo o mundo.

Franco sabe-o e com ele toda a farândula de rufiões que lhe fazem côro.

O povo perdeu o medo e saqueará, se preciso for, as covas da reação e a sacudirá, de todo decidiu a acabar para sempre com uma escravidão indigna.

Podemos dizer que Espanha entrou de cheio nessa rota manumissora que leva do princípio ao fim.

Todos os homens do destêro que não perderam a fé em si mesmos, todos os desterrados que tem sofrido e suportado com firmeza as tristezas do exílio devem alegrar-se.

Os que claudicaram vergonhosamente, os adaptados e embrutecidos, atados ao meio ambiente, os que ontem nada foram e hoje prosseguem sem ser ninguém, en-

lameados e envilecidos, sentirão um pouco de pesar e vergonha se ainda a têm, porque esses não poderão fazer ato de presença no dia da libertação de Espanha. Já não cabem no reino da poesia.

A libertação da Espanha, após o ato incurso, será este: grandiosa explosão de poesia, rasgando a paisagem de negruras que ensombreceram, durante vinte anos, a vida rebelde de um povo que so-nha, ruje e aciona!

NA AGONIA

Já não há dúvidas; os patibulos franquistas se estão desmorrando.

As forças que os sustentam se foram debilitando e o poder dessa tirania, sujo de sangue e sãnie, está praticamente jogado à rua para quem o queira apanhar. A Igreja, apavorada, arrasta suas negras asas por entre vários grupos. O exército, vendido a uma arcaica monarquia, repugnante e estéril, sonha sua redenção. E de supor que, como todo assassino, temendo o castigo, Franco se agente até o fim, aumentando, com suas horas, a feroz repressão. Chegou a hora em que o povo emancipado e faminto, insultado por vinte anos de negro totalitarismo, faça ouvir a sua voz!

A gesta popular

Por H. Plaia

A provocação militar fascista de 19 de julho de 1936

Quanto mais é aprofundado o problema que originou a realização dos postulados universalistas do proletariado, maiores são as razões com que reagiram tão vigorosamente contra os sicários de todos os tempos.

Sabia-se que os reacionários espanhóis, os militaristas de casta tradicionalmente mórbida, agiam de acordo com Mussolini para estabelecer na Espanha um regime paralelo ao instituído na Itália pelo "Duce". Fazia tempo que nas ruas das cidades mais importantes da Espanha, como Madrid e Barcelona, deambulavam ostensivamente os "balillas" como "Pedro por su casa". E também é sabido que o cidadão esperto via com desconfiança tanta penetração fascista na Espanha libertária.

Chegou o 19 de julho para provar que de forma alguma seria possível instaurar comodamente na Espanha, o que na Itália e na Alemanha foi coisa fácil, um simples "passeio militar".

O povo deu-se conta da ameaça e se aprestou, com antecipação não esperada por governos e partidos políticos, para se defender, para defender seus mais caros ideais de liberdade e justiça.

Ainda ressoavam na atmosfera as palavras dos governantes, assegurando que ninguém se movia na Espanha contra a república, quando as arremetidas fascistas eram contidas pelo povo sem outras armas, além daquelas que pode arrancar das mãos das forças ao serviço do governo e do estado.

Inermes os homens se lançaram à luta para conter a avalanche de foragidos que pretenderam afundar a Espanha na noite negra da escravidão e do martírio, pondo aos pés da Igreja e da bota militar, os destinos de um povo amante da liberdade e da fraternidade humana.

O sangue correu em abundância. Pensava-se que o clamor do povo espanhol, indo além das fronteiras, tocaria no coração do proletariado internacional, convidando-o a juntar-se à arremetida para conquistar internacionalmente seus direitos. Falhou pela falácia dos chefes socialistas e pela cumplicidade dos homens que, antes de serem justos, são sempre uma barreira de contenção a toda tentativa de manumissão proletária.

Nem Johaux, nem León Blum, nem outros personagens, a cujo cargo o proletariado francês havia depositado seus destinos trans-

formadores, cumpriram com galhardia o dever que a causa do socialismo internacional demandava. Faltou-lhes os arroubos ne-

Continua na pág. 2

19 DE JULHO DE 1936

Por Dalmau

Foi aos 19 de julho de 1936 que, em Espanha, a macabra demência européia, valendo-se de um aborço humano, Francisco Franco, se lançou à matança e assassinio do povo espanhol. Protegido por Hitler, ajudado por Mussolini, alentado pelo papa, bastardo como espanhol, sem casta nem consciência, renegando o juramento de defender uma república, afogava, com suas legiões mercenárias de marroquinos, as mais genuínas correntes da nação, resuscitando a brutalidade absoluta da idade média e inaugurava uma noite de sangue em toda a Espanha.

O povo espanhol, de espírito anárquico, emancipado por uma educação idealista de mais de um século, com sua Federação Anarquista Ibérica e suas duas potentes sindicais CNT e UGT e algumas outras frações idealistas, sem mais governo ou hierarquia que a ditada pela razão e direito de justiça, fez frente, lutou sem descanso nem desalento por espaço de três anos e meio.

Coligadas contra esse povo estavam todas as forças do capital: as do nazismo, hitleriano com sua legião de aviação "Côndor" e sua frota; as do capitalismo fascista italiano com sua "Divisão Litoria" e sua criminosa aviação; as do capitalismo da "Frente Popular Francesa" de Léon Blum com a "Não-Intervenção", mais tarde, em 1941, declarando este, publicamente, ante os alemães, no processo de Riom: "Nada me podem censurar no tocante à guerra de Espanha. Meu labor foi o de frear a Revolução"; as do capitalismo moscovita com seus sabotadores infiltrados, seus torquemadas em ação, com suas falsas promessas pagas em ouro, que, pela voz de Stálin declarava: "Mais me importa uma greve na Alemanha que toda a guerra de Espanha", sabendo-se, mais tarde, por arquivos da guerra, que ele informava o Führer de que equilibraria a luta dos republicanos espanhóis até firmar-se um pacto entre Alemanha e Rússia.

O capitalismo internacional, de qualquer côr, não poderia deixar esmagar Franco. Sabia que sua derrota acenderia a tocha social de sua própria decadência. Sabia que, se o povo espanhol sustentava uma guerra longa e cruel, não era somente para mudar de generais, por um hino ou uma bandeira. Sabia que, depois dessa, seguir-se-ia uma Revolução de bases bem concretas. Tratava-se, na Espanha, de esmagar o jugo do capital e de instaurar um regime de organização que em nada se pareceria a nenhum dos que têm os Estados implantados. Com esse único propósito mantinha o povo espanhol a guerra.

Sabemos hoje que o capitalismo internacional tremeu ante a Revolução Espanhola. Sabemos que foi forçado a transmutar sua linguagem e inventar esses falsos qualificativos de "comunismo" e de "vermelhos", os quais, desde então, se estenderam e usaram para aniquilar as lutas de emancipação dos povos.

Ao ter de abandonar esse povo a luta, profunda ferida recebeu a sensibilidade do povo e a de todos os homens livres do mundo. O povo espanhol é profundamente anárquico e liberal. Como anárquico é capaz de perdoar todos os erros, todas as culpas, mas não pode permitir que lhe arrebatem seus direitos nem lhe usurpem sua soberania. As forças do povo espanhol são particularmente sensíveis e, de modo especial, nossos movimentos anárquicos. Não se esqueça que estes têm, no solo hispânico, uma tradição que parte do século XIX e aumenta paulatinamente, até 1936. Por isso, era de supor que o capitalismo europeu, querendo aniquilar o seu espírito anárquico e liberal, iria estrear um dos maiores dramas sangrentos deste século.

Passaram já vinte anos e o franquismo não logrou firmar-se no trono ambicionado. Tem precisado, desde o começo, assassínios em massa com cartéis lorpamente amanhados. São vinte anos de repressões, encarceramentos, fuzilamentos e martírios; mas, um povo que, durante quase um século, trabalhou por sua liberdade, sabe segui-la.

Como anarquistas, não recordamos esse 19 de julho como estúpido rito religioso. Faze-mo-lo porque o espírito de luta daquela gente permanece intacto nos meios anárquicos espanhóis, aos quais vai aderindo a nova geração e porque chegamos aos ansiados momentos de 1957, ano em que se fará, agrade ou não a Moscou ou Washington, o entêro do fasci-nazi-franquismo.

GRANDEZA NACIONAL FRANQUISTA

Cidadãos assassinados em 15 anos pelo franquismo:

Anos	Com julgamentos	Sem julgamentos
1940	12.000	23.200
1941	43.700	28.200
1942	12.800	7.000
1943	6.700	8.100
1944	2.300	2.400
1945	5.600	1.900
1946	5.200	1.100
1947	3.800	700
1948	900	200
1949	300	170
1950	120	200
1951	47	170
1952	43	190
1953	63	23
1954	25	17
1955	37	8
	93.735	73.578

Total: 167.313 pessoas. É este os ossos desta colossal e tétrica pirâmide que se senta o tio Sam e que negocia o Kremlin.

Alberto Camus, ao perguntarem-lhe que opinava sobre os fuzilamentos que Franco realizava em massa, estampou esta crua verdade: "Ante tanto crime, uma só coisa é fuzilável: a indiferença da consciência universal".

NOTA: Parte dessa lista (até 1947) foi enviada de Paris, por uma organização de resistência anti-franquista, ao secretário geral da O.N.U.

"SOLARIDAD OBRERA" À VENDA no Largo da Lapa (Em frente ao Ponto dos Bondes)

Continua na pág. 2